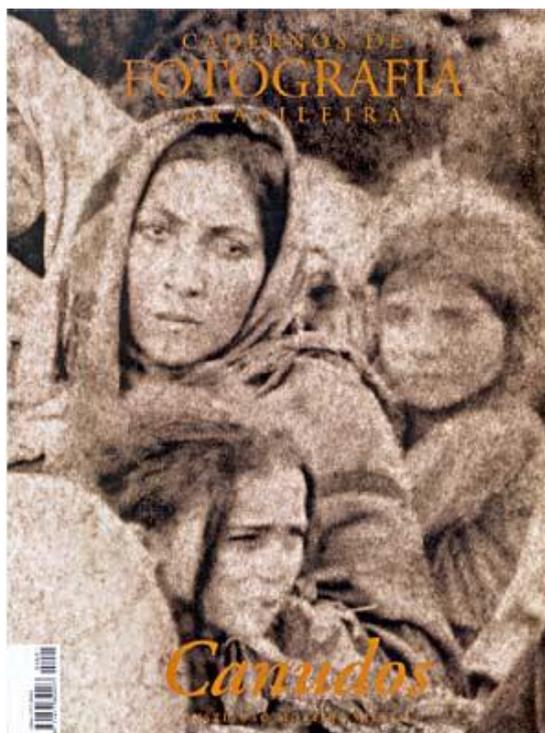


CINCO PALAVRAS SOBRE OS *CADERNOS DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES*

Beatriz Lefèvre

Os *Cadernos* são uma iniciativa muito boa, que se agrega a uma política importante do IMS de compra, restauro, exposição e guarda de acervos importantes da Fotografia brasileira. Neles há trabalho sério, de profissionais empenhados, e imagens e textos cuja publicação é uma grande contribuição para a Fotografia assim como para a memória de Canudos e do Sertão. Mas isso tudo vem num volume pesado, difícil de digerir, numa organização burocratizada pela divisão em seções, que deverão ser as



mesmas não importa o tema dos *Cadernos*. Além disso, eles trazem uma profusão de conteúdos, preocupados que estão em ser uma obra de referência.

Enquanto vinha pensando no que escrever sobre os *Cadernos*, encontrei em meio à papelada que se acumula ao meu redor um artigo sobre palestra de Umberto Eco em Buenos Aires em que ele trata do futuro do livro (O Estado de S. Paulo de 2.11.1998). Ele dizia que os livros, é claro, não vão desaparecer com o computador, mas que "será uma liberação substituir livros de consulta por CD-Rom".

Talvez a mídia mais adequada para os *Cadernos* não fosse uma publicação impressa, mas um CD-Rom, em que as informações não pesam tanto e podem vir em profusão para cada navegador selecionar o que lhe interessa e construir seu caminho. Também no CD-Rom a consulta é facilitada. Dou um

exemplo: Na seção "Sob as lentes da história", dos *Cadernos*, há trinta páginas de verbetes históricos e torna-se difícil encontrar, no meio de tantas informações, as que dizem respeito especificamente a Canudos, Euclides da Cunha e Flávio de Barros; elas estão espalhadas em meio à história política e de levantes populares no Brasil, a eventos da história mundial, à cronologia de lançamento de romances importantes da literatura brasileira etc. etc. Também a seção "Estratégias de preservação" ficaria melhor em um CD, pois as 70 imagens que compõem o álbum de Flávio de Barros sobre a Guerra de Canudos são apresentadas em tamanho tão reduzido que mais parecem ícones para ser clicados.

A estrutura em seções fixas reduz demais o potencial dessa publicação. Como separar os depoimentos de fotógrafos sobre sua vivência do lugar - Maureen Bisilliat, Ana Mariani e outros - das fotografias que lá fizeram? Seria muito mais interessante aproximar palavras e imagens. Mas não, textos são de uma seção, imagens de outra. Também em decorrência da rigidez formal, as histórias da Fotografia de Guerra, de Flávio de Barros, do álbum e das fotografias recuperadas estão espalhadas pela publicação, entremeadas por outras imagens e histórias. Elas deveriam estar logicamente encadeadas para facilitar a leitura e ampliar o envolvimento do leitor.

Virar umas páginas e procurar algo às vezes significa não ler. Vivemos num pique acelerado e o livro, embora seja refúgio de um tempo mais lento, deve considerar que os modos de leitura estão se transformando. A edição precisa estar atenta a isso.

Em poucas palavras, o conceito editorial dos *Cadernos* está equivocado. É pena, pois a qualidade do papel, da impressão e do que se encontra ali é muito boa. Penso que se poderia investir em uma edição mais sedutora, mais facilitadora, que se pautasse pelo material disponível e pelo tema ou fotógrafo de que tratam os *Cadernos*. Em cinco palavras: menos rigor formal, por favor.

janeiro de 2004, em São Paulo